

COMBATE EQUIVOCADO AO TERRORISMO

(Jornal do Brasil - 08/04/2004)

Dois recentes episódios --o que levou o Premier Sharon a matar líder palestino paraplégico e o que levou o Presidente Bush a ridicularizar a mentira que impingiu ao mundo, para invadir o Iraque, procurando as "armas de destruição em massa" daquele país, atrás de cortinas e dos móveis de seu gabinete-- demonstram o monumental erro que estão cometendo, na luta contra este mal dos séculos XX e XXI, que é o terrorismo.

Em meu livro "Uma visão do mundo contemporâneo", editado pela Pioneira em 1996 e reeditado em Portugal, Rússia e Romênia, já chamava atenção para os erros praticados no combate ao terrorismo e ao narcotráfico e manifestava o receio de que atentados de grande monta pudessem ocorrer em várias partes do mundo, o que, infelizmente, se concretizou com a tragédia das torres gêmeas, em Nova York, e do dia 11 de março passado, em Madrid. Continuo com temor que manifestei naquele livro, de que o acesso crescente à tecnologia nuclear e a pirataria da informática possa, no futuro, colocar o mundo a mercê da chantagem de terroristas ou narcotraficantes, submetendo cidades populosas aos efeitos de pequenos artefatos nucleares com a possibilidade de detonação à distância.

A meu ver, o narcotráfico deve ser combatido, em duas frentes: ensinando a juventude a prezar os valores edificantes --que o mundo tem esquecido-- para torna-la mais resistente aos "cantos de sereia" (o que, à evidência não se consegue com a desestruturação da família, a banalização da violência, a permissividade); e promovendo o cerco aos criminosos que o praticam. Já o terrorismo exige outra forma de combate, pois a grande maioria dos terroristas não é mercenária. Quem está disposto a dar a vida pelo seu tresloucado ideal não pode, nem deve ser combatido como um narcotraficante, que vive e se locupleta com o crime.

Tenho a certeza de que, para os terroristas dos países muçulmanos, seus povos estão sendo tratados como gente de 2ª. categoria pelas nações desenvolvidas --principalmente pelos Estados Unidos e por Israel--desrespeitando permanentemente seus valores, religiões e costumes. Por essa razão, são levados a crer que devem libertar seus povos e, não possuindo armas e exércitos competitivos, consideram que só através do terror poderão ferir o inimigo, à falta de força regular para fazê-lo.

Para tal tipo de convicção, aliada a uma fé profunda de que seus valores são superiores aos valores ocidentais, somente cabe a seus líderes incentivar tal estratégia, que termina sendo bem sucedida no intento de apavorar seus inimigos, - que possuem forças superiores - em face do elemento surpresa e do sacrifício de inocentes.

Somente o diálogo amplo e o reconhecimento das insuficiências materiais de povos cuja riqueza petrolífera não tem revertido a bem de sua população, pode começar a reverter esse quadro, mostrando que o recurso a atos de terror não é o melhor caminho de combate à exploração econômica e a superioridade bélica ocidental.

A tática de Bush e Sharon vai em sentido oposto, assemelhando-se àquela que os nazistas utilizaram, nos países invadidos, durante a 2ª. guerra mundial, ou seja, responder a cada atentado com violência maior, matando, também, um considerável número de inocentes. Causa-me espanto saber que os Estados Unidos --numa guerra que, como definiu Zapatero, premier espanhol, foi deflagrada à luz de uma fantástica fraude (existência de armas de destruição em massa)-- já tenham matado quatro vezes mais civis no Iraque --repito civis-- do que o número de vítimas fatais, da trágica derrubada das duas torres!!

É que a pena do Talião (olho por olho, dente por dente), se admissível, nos primórdios da história narrada - em que os valores da civilização ainda estavam sendo conformados -

hoje gera sempre reação semelhante, tornando o combate ao terrorismo num círculo vicioso. Ouvi de certo historiador, cujo nome não me lembro, em uma das minhas palestras pelo exterior, que Hitler pretendeu eliminar o povo judaico da mesma forma que Josué, ao conquistar todas as cidades da terra prometida, eliminara, a fio de espada, seus habitantes, inclusive mulheres, velhos e crianças, sem levar em conta o incomensurável espaço de tempo transcorrido entre os tempos primitivos do episódio bíblico e o século XX, em que os valores da civilização foram reconhecidos e aperfeiçoados.

O certo é que, quanto mais o ódio gerar ódio, as reações forem iguais às ações e o diálogo abandonado, tanto mais os terroristas fundamentalistas crescerão, pois se alimentarão do ódio que tal estratégia acaba por gerar.

À evidência, o diálogo exige que se discuta em termos diferentes. Ou seja, não há diálogo, se o exército vencedor (Estados Unidos ou Israel) continuar tratando os vencidos (iraquianos e palestinos) como gente inculta e de segunda categoria, pois tal tratamento não surtirá efeito. Apenas se forem tratados com a mesma dignidade com que qualquer cidadão de país desenvolvido é tratado, o diálogo poderá ser frutífero e o terrorismo começará a desaparecer.

Os líderes mundiais precisam acreditar menos nos "ídolos" e "slogans", que forjaram, e mais nos valores, que não vivem. Encerro lembrando o que Karl Barth escreveu: "Quando o céu se esvazia de Deus, a terra se povoa de ídolos", a que Vittorio Messori acrescenta, em "Algumas razões para crer": "E o culto dos ídolos não é inofensivo, pois os deuses têm sede de sangue humano".